

Arte e Técnica

A facilidade em arte tende sempre, naturalmente, a auto-afirmar-se: — quando a exuberância com ela se combina, o artista é então como um centro irradiante de fulgores, que se desintegra a si próprio e se dissolve; enquanto, pelo contrário, os verdadeiros grandes artistas são polarizadores e actuam por condensação.

Um Fragonard consegue interessar, mas rápido esquece: enquanto o mais pobre *croquis* de Millet, ou a menos perfeita e a mais pesada das suas *pochades* se gravam muitas vezes para sempre na imaginação.

Só quando a facilidade serve de instrumento a uma imaginação poderosa, dramática como em Delacroix, ou apoteótica como em Rubens, se integra numa síntese de efeito artístico; quando apenas se reduz a habilidade ou serve um conceito pobre, como em Lazló, Zorn, Carlos Reis e tantos outros, não passa então dum divertimento dos sentidos.

No «Salon» de Paris quasi outra coisa se não vê hoje que não sejam piruetas, acobracias e prodígios de pincel; vi lá um dia uma tela com um espelho convexo onde se reflectia uma sala e na sala o artista pintando (sala que se supõe colocada por detrás do observador), que era um milagre de ilusão, de técnica e de pincel; vi faianças, naturezas mortas, vidraria e bricabraque com tais bruxedos de factura e taumaturgias de ilusão, que Velazquez empalideceria: — e, no entanto,

tudo isso se me varreu da memória, enquanto os «Bobos» aí permanecem cada vez mais nítidos e ancorados. É que em Velazquez a ciência e a habilidade são guiadas por uma visão superior que as disciplina e faz integrar numa síntese; enquanto nos Fragonards, nos Fa Presto e nos Lazló a pincelada em fantasia livre é como o descuidado que segue pela rua cantarolando.

O artista «fácil», porém vazio, vai atrás do seu pincel, admira-o e deixa-se embalar pelo seu coquetismo em caprichos; enquanto o «polarizador» o subjuga por inteiro à sua vontade. Whistler — o maior, talvez, de todos os artistas modernos — não deixa já-mais ver a sua pincelada, a sua técnica; — o «Retrato da Mãe» é um mistério, como certos primitivos; e esta reserva faz contraste com a tecnomania da maioria dos pintores.

A fadiga que muitos hoje sentem pela pintura, e, em geral, por toda a arte, provém, a meu ver, dos excessos de tecnomania em quilómetros de telas por inteiro vazias de sentido e de arte: — e ao sair dum «Salon» fica-se hoje completamente enjoado, odiando a pintura e os painéis, os bonecos de mármore, de gesso, de granito ou bronze; na visão cansada fica apenas a imagem monstruosa dum pincel imenso, que se requebra e dança, saracoteia, faz piruetas, incansável e frenético como um derviche maníaco...

A B E L S A L A Z A R